

Uma operação para a política do *sinthoma*

Ronaldo Torres

A articulação entre sintoma e política, tema nacional de trabalho dos Fóruns do Campo Lacaniano no ano de 2010, não se dá de forma evidente. Numa primeira abordagem, poderíamos afirmar, tomando um corte freudiano, que o sintoma, assim como a inibição e a angústia, faz bloqueio à política, se a tomarmos como laço social. Devemos aqui lembrar a forma tão singela quanto precisa pela qual Freud propôs sua orientação para o final da análise: criar a possibilidade de amar e trabalhar, figuras maiores do laço social. De certa maneira, Lacan não deixa de apontar para a mesma direção. A política do sintoma poderia ser enunciada como um “não querer saber de nada disso” tributário das formações de compromisso advindas da *verdrängung*. Não querer saber da castração do Outro e também, o que parece importante, não querer saber da fantasia, essa resposta à castração.

Todavia, não devemos perder de vista que, para Lacan, isso já faz laço, ou melhor, que é o próprio discurso que faz laço, o discurso do inconsciente. Assim, se a *verdrängung* se anuncia como essa operação que determina uma forma de posição subjetiva diante do Outro, articulada ao sintoma e a esta política privada da fantasia, podemos pensar que talvez haja outra operação que possa apontar horizontes diferentes para se pensar a articulação entre sintoma e política. É claro que a primeira resposta que nos vem se orienta para a identificação, tal como Lacan a recupera no Seminário *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*,¹ quando elabora talvez sua última maneira de tentar dar conta do que seja, afinal, a experiência psicanalítica. Lembremo-nos que não se trata nem de identificação ao analista, ou ao inconsciente, mas identificação ao sintoma. Mas não propomos a via deste trabalho por este percurso. Propomos um outro exercício. Gostaríamos de tratar aqui dessa forma de negação aparentada à *verdrängung*, mas que é distinta dela: a *verleugnung*. O argumento mais geral para tanto se sustenta pelo uso que Lacan faz da *verleugnung* para abordar algo que se coloca como efeito do ato analítico (tomado aqui em sua acepção forte de ato de final de análise): “é o labirinto próprio no reconhecimento desses efeitos por um sujeito que não pode reconhecê-lo, posto estar inteiramente, como sujeito, transformado por este ato; são esses efeitos que de-

¹ Lacan, *O Seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976).

signa por todos os lados, donde o idioma está bem empregado, à rubrica de *Verleugnung*”.²

Assim, como pode ser notado, não se trata aqui, evidentemente, da configuração da *verleugnung* na constituição do sujeito perverso. Seu uso e conjuntura aqui são outros. Não nos estenderemos neste ponto, mas devemos retomar que, entre outras coisas, a *verleugnung* não é condição suficiente para a constituição do fetichismo. Deve haver ainda a idealização e fixação do objeto, operações ausentes, por exemplo, no caso do pequeno Hans, como nos aponta Lacan.³

Buscaremos aqui, a partir da estrutura da *verleugnung*, considerar a sua possível posição articulatória entre política e sintoma a partir da noção de semblante, o que talvez possa ser construído entre essas duas asserções bastante enigmáticas de Lacan. A primeira, de seu Seminário *A lógica da fantasia*, que foi citada acima; e uma segunda, do Seminário *De um discurso que não fosse semblante*, em que diz que “o semblante não é semblante de outra coisa”.⁴ Na passagem de uma a outra, passamos também da teoria do ato à teoria dos discursos. Tentaremos sustentar que, nessa passagem, as noções articuladas de *verleugnung* e semblante desempenham um papel importante, e que, talvez, possam funcionar para se propor uma forma específica de política do sintoma.

Retomemos então aquilo que concerne à teoria do ato. Embora a noção de ato tenha sempre estado presente no horizonte de Lacan como essa espécie de corte que incide sobre a determinação simbólica do sujeito (remetemos ao tratamento dado à passagem ao ato de Aimée, em sua Tese⁵ e ao *Ato de Palavra*⁶ no início de seu ensino), é somente a partir de seu Seminário 10, “*A angústia*”, da relação desta com o estatuto real do *objeto a*⁷ e da articulação dessas duas figuras clínicas com a fantasia, numa acepção renovada, que se abre a Lacan a necessidade definitiva de formalizar a noção de ato. Isto porque o ato sempre guardará, de forma diversa, uma relação estreita com a fantasia e a angústia. Podemos acompanhar isso no próprio Seminário *A angústia*, no que se refere ao *acting-out*; e a passagem ao ato, no Seminário seguinte, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, quanto às operações de alienação e separação,⁸ e de maneira mais formal nos Seminários *A lógica da fantasia* e *O ato psicanalítico* ao desenvolver suas ideias sobre o grupo de Klein⁹ e o ato analítico.¹⁰ De forma esquemática, podemos dizer que o que se coloca como orientação e desafio à clínica é a passagem das posições subjetivas formadas em torno do sintoma, da inibição e da angústia pelo atravessamento da fantasia, sem que isso se encaminhe ao *acting-out* ou à passagem ao ato (podemos reconhecer aqui a estrutura da “grade dos afetos” trabalhada por Lacan no Seminário *A Angústia*). O ato analítico é uma aposta que se materializa nessa passagem.

² Lacan, *O Seminário*, livro 14: *A lógica da fantasia* (1966-67, aula de 15/02/1967) [tradução nossa].

³ Lacan, *O Seminário*, livro 4: *A relação de objeto* (1956-57/1995).

⁴ Lacan, *O Seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse semblante* (1971/2009, p. 18).

⁵ Lacan, *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932/1987).

⁶ Lacan, *O Seminário*, livro 1: *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1986).

⁷ Lacan, *O Seminário*, livro 10: *A angústia* (1962-63/2005).

⁸ Lacan, *O Seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985).

⁹ Lacan, *O Seminário*, livro 14: *A lógica da fantasia*, (op. cit.).

¹⁰ Lacan, *O Seminário*, livro 15: *O ato psicanalítico* (1967-68).

O grupo de Klein, tal como Lacan o subverte, é a formalização desse percurso. O que significa pensar como na verdade o tratamento deve levar o sujeito até a fronteira das coordenadas simbólicas que o determinam, para que a partir de um ato possa ultrapassá-las. Essa passagem, como sabemos, ganhou alguns nomes: travessia da fantasia, destituição subjetiva e ato analítico.

Todavia, precisamos entender no que consiste essa fronteira e sua ultrapassagem. Essa fronteira não é colocada por Lacan de outra forma, senão pelo impasse no qual o sujeito se encontra mediante a construção de sua fantasia em análise. A construção aqui ganha uma acepção bem distinta da montagem da fantasia como resposta à castração do Outro. A fantasia é construída sob transferência, ou seja, sob determinada direção encaminhada pelo manejo da transferência na suposição do sujeito ao saber. Todavia, na construção da fantasia, o sujeito se depara com a evidência de que na montagem fantasmática sua entrada na posição de objeto cumpriu e cumpre a função de buscar satisfazer aquilo que falta ao Outro, podendo este impasse se apresentar para o sujeito em forma de angústia. É este o ponto em que o sujeito se aproxima do objeto como evidência daquilo que foi como objeto para o gozo do Outro, e apesar de nesse momento já saber disso, a montagem continua funcionando conforme a crença de nada faltar ao Outro.

A passagem que pode advir se coloca para Lacan a partir de um ato que encontrará seu agenciamento fora do sujeito, na verdade, em sua destituição, pois deve ser um ato de suspensão do Outro. Não há apoio possível na posição subjetiva perante o Outro para um ato como este, ato que Lacan nomeia analítico. Como sabemos, tal agenciamento se colocará por fazer o *objeto a* funcionar não como aquilo que falta ao Outro ou como restituição de uma perda ao Outro, mas como causa de desejo: “a operação do ato analítico deve reduzir esse sujeito à função do *objeto pequeno a*”.¹¹

Esse é um desenvolvimento bem esquemático e rápido, mas que nos serve para retomar a questão da *verleugnung*. Para recapitular, tal como Freud postulou, a *verleugnung* é uma forma de negar a falta criada pelo simbólico, mas que se difere radicalmente da *verdrängung*, na medida em que ela não opera como uma negação sobre o saber. Pelo contrário, o significante fálico é reconhecido como tal, ou seja, mantido como significação da falta, enquanto há a formação de um objeto que contradiz essa falta. Assim, a *verleugnung* se estrutura pela copresença do saber da castração (o significante fálico não é recalcado) e de um objeto que desmente a castração. O desmentido não vem ocupar o lugar do saber da castração, não há substituição de um pelo outro.

Pois bem, ao levar sua busca de formalização até o limite nos Seminários *A lógica da fantasia* e *O ato psicanalítico*, Lacan encontra

¹¹ Lacan, *O Seminário*, livro 15: *O ato psicanalítico* (1967-68, aula de 24/01/1968).

um problema para se pensar o laço do sujeito com o Outro a partir de tal passagem. Na verdade, trata-se de pensar que tipo de relação se coloca a partir do ponto em que o objeto opera na posição de agente e na função de causa de desejo.

Isso tem diversas implicações. Entre elas está a importância de se pensar a posição do analista. Pois se o ato analítico é capaz de instituir o analista que se autoriza de si mesmo, ele pouco diz sobre o que seria aquilo que estrutura essa posição para um outro, o tipo de laço que estrutura a relação que se monta em uma experiência analítica entre os elementos que estão em jogo. Isso de fato não pode ser observado no grupo de Klein.

Sabemos das linhas gerais que Lacan irá seguir em seu ensino, a partir de então, com a teoria dos discursos, de que se ocupará por três anos em seus seminários (1968-1971). Mas, para o que nos importa aqui, é interessante notar como a *verleugnung* pode aparecer nesse momento relacionada à noção de semblante que Lacan desenvolverá nesse período. Pois, se no discurso do analista, Lacan posiciona no lugar de agente o objeto *a* e nos diz que ele está ali em função de causa de desejo, isso diz bastante do que é essa função para aquele que atravessou a fantasia, e para um outro que encontra, no agenciamento desse discurso, uma função de causa de desejo, mas não diz nada do que seja esse objeto. Vimos o que ele deixa de ser no ato analítico, mas não vimos o que ele passa a ser. É aí que devemos localizar sua materialidade no discurso do analista. Lacan, para abordar esse aspecto, parece lançar mão da noção de semblante, dizendo que “o semblante não é semblante de outra coisa”.¹² Esta curta afirmação, da forma como a tomamos aqui, tem efeito de recuperar todo o percurso que o objeto pode percorrer na experiência analítica. Pois, se num primeiro momento o objeto se apresenta por suas vestes imaginárias como objeto que falta ao Outro, ele é apenas aparência de uma suposta essência. Ocorre que, no lugar dessa essência, que sustentaria a aparência como aparência de uma essência, ao final, não se encontra nada. Isto porque não há tal objeto para a falta do Outro. A essência, na realidade, é posta pela própria aparência, para que ela se sustente como aparência de uma essência. Claro que existe o real do corpo no *objeto a*, e toda a implicação de gozo que se coloca aí a partir da montagem fantasmática, como vimos. Mas é interessante notar como é justamente ele que faz furo nessa dialética entre essência e aparência, pois ele não é um objeto essencial que possa sustentar uma aparência. Essa parece ser a definição mais preciosa que Lacan nos deixou sobre o *objeto a*. Ele é um objeto real, mas absolutamente inessencial. É a radicalidade de sua presença informe, ou seja, não simbolizável ou especularizável.

Assim, o semblante chegar a ser semblante que não é semblante de outra coisa, é o que sustenta esse furo no discurso do analista,

¹² Lacan, *O Seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse semblante*, (op. cit.) p. 18.

pois apresenta a aparência como pura aparência, e é só nessa configuração que pode funcionar como causa de desejo. Esse é o paralelo que talvez permita falar aqui em uma operação como a *verleugnung*, pois usar um semblante é manter o saber da castração e ainda assim apresentar algo como um semblante, e entrar com algo na relação com o outro a partir do furo singular pelo qual o real se enlaça ao simbólico. O semblante não é o furo, mas uma materialidade que porta esse furo, por não ser semblante de outra coisa.

Daqui podemos desdobrar a relação disso com aquilo que Lacan propõe, nesse momento de seu ensino, relacionado com a letra e a escrita, no sentido de que o tratamento que dará a isso é esse mesmo de fazer borda, cingir o furo por meio da própria escrita. Não na escrita, mas com a escrita. Retomamos aqui essa passagem de *Lituraterra*:

Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira literal quando, essa virada, vocês podem tomá-la, a mesma, a todo instante. É somente a partir daí que podem tomar-se pelo agente que a sustenta... É pelo mesmo efeito que a escrita é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que dele se forja por quem a fala.¹³

Há então essa proposta de formação do litoral pela letra, aquilo que decanta e dá contorno, forma, ravinamento do significado até que se possa precipitar os efeitos de língua do significante.

Da forma como acompanhamos essas abordagens sobre a letra e a escrita, elas são homólogas à forma como Lacan nos apresentará o sintoma articulado ao final de análise mais à frente em seu ensino. Aliás, devemos lembrar-nos da maneira como Lacan inicia *Lituraterra*, mencionando Joyce e seu jogo homofônico entre letter e litter (letra e lixo), para dizer que, dessa maneira, a literatura é uma “acumulação de restos”, para depois, mencionar esse trabalho erosivo e de decantação do ravinamento. E no Seminário sobre *O sinthoma*, encontramos retomada toda essa articulação:

Fui eu que comecei por dar ao discurso analítico seu status, a partir do fazer semblante do *objeto a*, ou seja, do que nomeio a propósito de que o homem se coloque no lugar do lixo que ele é – pelo menos aos olhos de um psicanalista, que tem uma razão para **saber** disso, pois ele mesmo se coloca nesse lugar. É preciso passar por esse lixo decidido para, talvez, reencontrar alguma coisa que seja da ordem do real.¹⁴

Lacan é bastante claro na referência direta ao uso que Joyce faz da escrita para que crie o *sinthoma*. Mas, mais que isso, reconhece

¹³ Lacan, *Lituraterra* (1971/2003, pp. 21-22).

¹⁴ Lacan, *O Seminário*, livro 23: *O sinthoma*

ali o que chama de “boa maneira”, de ser “herético”, ou seja, fazer uso por uma escolha, um ato (de um miserável, um lixo – *hère*), mas que faça isso por uma boa maneira. É quando diz: “A boa maneira é aquela que, por ter reconhecido a natureza do sintoma, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até atingir seu real, até se fartar”.¹⁵

¹⁵ Lacan, *O Seminário*, livro 23: *O sintoma*, *Ibid.*, p. 16.

Assim, essa forma da *verleugnung*, tomada de maneira bem particular, pode contribuir para pensarmos, o que faz com que essa posição tão difícil de ser experimentada diante da castração do Outro possa ser sustentada de alguma maneira. Na verdade, talvez a contribuição dessa leitura possa se dar pelo resgate dessa posição a partir da ideia de tensão e de contradição que a *verleugnung* expressa em si. Indicaria assim, que essa posição só pode ser sustentada a partir de uma tensão entre o saber da castração e o saber se “virar” com isso, a cada vez, e colocando algo de si de forma distinta ao que se pôde fazer pela fantasia.

A maneira pela qual Lacan retoma isso no Seminário *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* é bastante clara. Ali, ele opera uma dupla volta em torno do que seja conhecer. Ele abre o Seminário dizendo que “o sintoma é aquilo que se conhece, aquilo que se conhece melhor”.¹⁶ Uma dupla volta, pois ao mesmo tempo em que está nisso a profunda implicação do real na experiência analítica, que por certa tradição seria aquilo que exatamente não se prestaria ao conhecimento, Lacan indica que isso vai além do reconhecimento, que só pode ser tocado pelo ultrapassamento daquilo que se colocou nas relações entre sujeito e Outro pela dialética do reconhecimento. Mas isso não se faz a partir do nada. Faz-se a partir disso, que se chama conhecer o sintoma, ou seja, “saber lidar com esse sintoma, saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo... saber se virar com seu sintoma”.¹⁷

¹⁶ Lacan, *O Seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (*op. cit.*) p. 7.

¹⁷ Lacan, *O Seminário*, livro 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, *Ibid.*, p. 8.

Se este artigo, de alguma forma retorna a referências anteriores de Lacan, é porque consideramos que talvez esteja nesse “saber se virar com” também uma forma de se fazer laço social, que talvez aí possamos encontrar uma política do sintoma afeita ao que Lacan denominou discurso do analista. E que talvez isso não seja apenas mais uma formalização do que seja o dispositivo de análise, o que já não seria pouco, mas uma maneira pela qual tentou tratar esse tipo de laço, de política, que faz transmissão.

Referências bibliográficas

- LACAN, J. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 4: A relação de objeto* (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A Angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964-1985). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967). Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico* (1967-1968). Inédito.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, J. *Lituraterra* (1971). In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976). Inédito.

Resumo

Um dos caminhos que parece privilegiado para se pensar a relação entre política e sintoma aponta para aquilo que Lacan definiu como laço social. Se em Freud podemos pensar em certa antinomia entre sintoma e laço social, para Lacan a relação é mais complexa, pois é a própria presença do inconsciente que funda os discursos. Este artigo pretende examinar o alcance lógico da operação da *verleugnung* – articulada por Lacan aos efeitos do ato analítico (tomado como final de análise) – naquilo em que pode concernir a posição de agente no discurso do analista. Aqui é a especificidade da noção de semblante que comparece como articuladora dessa relação. Posteriormente, buscamos indicar como uma política do sintoma, afeita ao laço social, pode derivar de tal perspectiva.

Palavras-chave

Política, Sintoma, *Verleugnung*, Semblante, Lacan.

Abstract

One of the prime ways of thinking about the relationship between politics and symptom points to what Lacan defined as a social bond. If Freud proposes a certain contradiction between the symptom and social bond, for Lacan, the relationship is more complex because it is the very presence of the unconscious that founds discourse. This article examines the scope of the logical reach of the *Verleugnung* operation – articulated by Lacan to the effects of the analytic act (taken as the end of analysis) – that relates to the position of agent in the analyst's discourse. Here it is the specificity of the notion of *semblant* which appears as an articulator of this relationship. Later, we seek to indicate how a politics of the symptom, accustomed to the social bond, can derive from such a perspective.

Keywords

Politics, Symptom, *Verleugnung*, *Semblant*, Lacan.

Recebido

15/02/2011

Aprovado

24/03/2011